

A lábia do Presidente

28 SET 1995

28 SET 1995

JORNAL DE BRASIL
CARLOS MONFORTE

FHC

A fama de gerente da lábia, de pessoa que consegue convencer qualquer um de qualquer coisa, de verdadeiro encantador de serpentes, está cobrindo de orgulho o Presidente da República. Seu jeito descontraído e informal de ser está seduzindo multidões, mas vai ter de se multiplicar por dez, ou por quase seiscentos, na hora em que todos os seus desejos transformados em projetos baterem no plenário do Congresso.

Como era previsto, o segundo semestre está sendo mais ácido do que o doce primeiro semestre, quando o Governo viu aprovado tudo o que quis (exceto o fim do monopólio do petróleo, que ainda corre pelo Senado). Além de ver, meio perplexo, que há aliados marchando contra o vento, como o deputado Prisco Viana, um regimentalista de carteirinha, que está colocando uma pedra no caminho do ministro Bresser, que já saiu mordendo o deputado.

Fora do Congresso, e com Sérgio Motta ausente, o comando do trator passou para as mãos do estudante Ciro Gomes, que saiu atirando em todas as direções na segunda-feira. Apesar de tucano, Gomes ataca o Governo com veemência, ele que é do grupo cearense mas se identifica com os mineiros de Juiz de Fora. E, apesar de ter nascido em Pindamonhangaba, não

poupa crítica nem à imprensa de São Paulo nem à maneira paulista de fazer política. Ele chega a ser inconveniente e grosseiro com suas críticas, principalmente ao ministro José Serra, de quem tem uma implicância que chega à beira da neurose. Deve haver algum motivo muito forte para tamanha aversão.

Mas vamos voltar ao encantamento do Presidente. O poder dele deve ser muito mais forte do que se imagina, porque não é possível que tenha convencido com tanta facilidade 27 governadores secos por uma renegociação, e com a faca e o queijo do Fundo Social de Emergência nas mãos. Pois não é que eles saíram do Alvorada bonzinhos, com um pacto assinado, debaixo do braço, não falando mais em rolagem de dívida, apoiando as reformas etc e tal? A única coisa que estão pedindo à comissão especial que estuda o FSE no Congresso é que taxem o Fundo depois de calcular outro fundo, o de Compensações a estados e municípios.

O que se pode ler nos jornais hoje, após os governadores darem entrevistas nos seus estados, é que eles acharam tudo precipitado, vão ter que engolir Pedro Malan, e estão no mesmo estado de penúria de antes. Mas agora é tarde.

Queriam a rolagem e foram enrolados pelo Presidente, que pro-

meteu apenas estudar caso a caso e deu Malan de presente para resolver problemas com títulos e dívidas com bancos privados. A dívida com a União tem de ser paga, como ficou resolvido pelo Senado. E o FSE, ou Fundo de Estabilização, é imprescindível para que o Plano Real continue com saúde.

E quando eu digo que o poder de conhecimento do Presidente vai ter de ser multiplicado, é pensando nos deputados e senadores, que são agentes dos governadores (de um modo geral), defensores de seus estados e, no final das contas, quem tem os votos para decidir. Tanto assim que o Presidente já tem agendados encontros com as lideranças de todos os partidos, na semana que vem. Essas reuniões serão fundamentais para o sucesso das pretensões do Governo.

Em resumo, é o seguinte: está tudo como antes no quartel de Abrantes. O único fato sólido fica por conta da certeza que o Governo hoje tem de que não vai poder fazer a reforma tributária esse ano. Mas nem está ligando muito para isso, se tiver mesmo nas mãos a aprovação do Fundo de Estabilização. Esse ano, o Governo verá apenas, com muita negociação e conversa, a votação da reforma administrativa. E olhe lá.

■ Carlos Monforte é jornalista